

# O ASTRO

Imp. Ville

Orgão da Cooperaçã Litteraria SOTERO DÓS REIS

Redactores: João Lima, Vilheña Brandão, João Caldas e B. Castello Branco.

ANNO I

Maranhão—S. Luiz—26 de Setembro de 1909

NUMERO I

## Nosso Aparecimento

Impulsionados pelo mais sagrado dos deveres, deveres esses que impoem a todos os que se batem nos prelios da intelligencia, apparecemos hoje, no cenáculo da imprensa indigena, como orgão da Cooperaçã Litteraria Sotero dos Reis, associação de letras ha mezes fundada nesta capital, sob os nossos auspícios e patronato do excelso philologo, mestre dos grammaticos de todos os tempos, Francisco Sotero dos Reis, cerebração possante do seculo passado, cujas glorias ja têm atravessado quasi um seculo, sempre nitidas e lembradas com carinho e respeito pela mocidade brasileira, que vê diante de si um horizonte de esperanças, um conjunto de sonhos rubros.

Em um desses arrojados effervescer es, o nosso apparecimento, em o qual damos os primeiros passos nella estrada cruciante, satisfeitos, porque atiramos a pedra fundamental ao nosso equilibrio nas letras contemporaneas.

Na apparecemos tímidos e fortes: tímidos, porque somos iniciantes na carreira difficilissima, a que abraçamos; e fortes, porque não trepidamos e jamais trepidaremos na arena da batalha, onde se nos agurdam os dissabores da trajetória e os loiros da conquista. A estrada da imprensa é longa, é escabroza, mas, é promissora.

Comquanto se nos antólhem certas difficuldades a o nosso profligar, crêmos que, havemos de entoar o hymno do triumpho. O trabalho é a conquista. A lucta é o coração da victoria.

Convem, pois, que luctemos com afã, com enthusiasmo, para que as gerações que nos succederem sigam as nossas pégadas e compensem os nossos sacrificios mentaes, assim como nós compensamos os das gerações que já foram, deixando a nós como exemplo edificante os seus rastros luminosos, inapagaveis na historia dos seculos.

Somos nós os timoneiros do bello, estygmatisados pelo sublime

trecho de Demosthenes, o grande tribuno grego: *a bello por si só, merece sempre nossa preferencia.*

Urge, pois, que não esmoreçamos; o nosso trajecto é dilatado, portanto hastiemos a nossa flamma e caminhemos ininterruptamente, conscios do nosso triumpho.

A nossa missão visa somente em um unico fim, que é trabalhar em prol da litteratura nacional e exteiorisar as nossas idéas sobre qual quer ponto de vista que disser respeito ao nosso aperfeicoamento no manejo da penna.

## INNAÇÃO

A verdejante Caspirie sorria nas alcaforeiras destumbrantes e no espraia suave do Hydaspes candaloso. A natureza incensada deslocando anarquismos dispersos, creava n'um diluvio de luz a intensidade chlorophyllina, e a floração ascendia vivamente.

Chakyamoni, espectralmente, com o olhar distindido para a vegetação nascente observa a passagem lenta dos collossaes megatherium e de mamiferos que sexualmente procuravam as furnas pavrosas.

Lia excerptos do moderno K'agiour e, interrompendo atrigessima meditação, palavreava feroidamente:

—O' misera sansara, fallae a vossos mysterios!

Desde a Taprobana corria até as montanhas do Japão, as conquistas de vossa materia abatem a quarta incarnação do Buddha portentoso!

Viração constante estremeçia a folhagem dos freixos e olmeiros entrelaçados. Entre os toscos meandros vegetaes, preponderava a mesma vitalidade, característica das elocubrações mineraes. A iracibilidade fanatica actuava no organismo degenerado do meditativo Chakias.

—O rustico Brahmanismo, o Mimetismo e os impios Guebresfal-

leceram nas fraldas do Hymalaia; a legitima christandade aguarda o Messias Promettido para a victoriosa resurreição de suas leis; as diversas philosophias doutrinadas por nomades e aventureiros repousam bacchanalmente nas pocilgas escancaradas pelos flotervos sectarios!...

Nuvens successivas offuscam a immensidade do sol.

—O' *Tathagatas* divinas vinde e explicae-me a causa d'estas evoluções continuas e tremendas; d'estes rebuços que estereotypam o organismo social; d'estas emanações nocivas que penetram no intimo individual e deturpam as idéas que constituem o proprio individualismo; d'estas manifestações egoisticas perturbadoras vitaes da grande humanidade; explica-me a causa d'esta continuidade biologica e da ultima transformação organica...

Osycomoro estremeceo e o Chakyamony tombou no anteparo da morte. Passaros cantavam lentamente...

Freilas Bastos.

## Ao luar

Cantava o luar no azul e as estrellas cantantes de poesia tambem surgiam como lagrimas de noivas que morressem no céu...

E elles seguiam pela estrada á fóra, como dois espectros brancos, tristes e rambolando heijos, cavati-

palpitando de sono. *Vendo-te triste e só, orações abertas á que, como tu tambem me amas e olhos de formosa cathedra na meio da deserta phara.*

amór...  
Contava o luar no azul e as estrellas cantantes de poesia tambem surgiam como lagrimas de noivas que morressem no céu...

Seguiam pela estrada illuminada pelo luar, pela avenida collossal de arvores frondosas, braço dado, cantarolando ás vezes, entoando modinhas amorosas, beijando-se intima-



mente num eterno idyllio de quem ama...

Como um som melifluido de cythara gemente, perdia-se no ar, de vez em quando, uma hyperdulia de beijos de amor...

São felizes os que assim passeiam com a Eleita, braço dado, cantando às vezes pela estrada illuminada pelo luar, quando as estrellas cantantes de poesias tambem, surjem como lagrimas de noivas que morressem no céu...

••

Casaram-se cobriu-lhes o manto azul e translucido da perpetua felicidade...

São felizes  
Passeiam, braço dado, na doce realidade dos seus sonhos, antegozando uma vida de prazeres somente.

São felizes. Casaram-se. Cobriu-lhes o manto azul e translucido da perpetua felicidade.

Passeiam hoje na doce realidade dos seus sonhos, pela estrada illuminada pelo luar, cantando satisfeitos e ditos, no magno esplendor da mocidade...

Sobre a copa dos olmeiros sentam-se e sonham coisas do Paraiso, trocando beijos, num sussurro de azas que voadas muitas vezes...

Cantam o luar no azul e as estrellas cantantes de poesias tambem surgem como lagrimas de noivas que morressem no céu...

Alagoas Carlos Rubens.

## Na roça

Melo dia: um calor abraza o campo louro;  
O sol ja vae muito alto a crestar o revido;  
Deitado a sombra, muge o gado em surdo,  
côro;  
E ao longe, canta um galo, a sombra do  
arvoredo;

Beija o vergel um colibri das rãs de ouro;  
E na mata, a cigarra, em tremido degredo  
Guiltra em gergalhada; e no bindo  
desôuro  
Vai e vem n'...

segredo.  
E sopra um vento quente. O timpano á  
janella  
Do avarandado em flor bimbalha festival;  
E ariulha um pombo branco do lado da  
cancellia.

Juntos aos lyrios de neve, as magnolias  
as jarras  
Redon-las abrem ao sol; e ao lado do  
pombal  
Prorompem, em côro ardente, a vaia das  
cigarras...

Vilhena Brandão

## Scismando

Felizes dias da infancia! como os conservo ainda, como de todos tenho saudade!

Oh! destino cruel, porque m'os roubaste deixando-me sem um consolo, como a ave que procura o ninho, como a flor que bem cedo morreu sem deixar no espaço um só vestigio de suas petalas ou atomo de seu perfume?

Insensivelmente, fugiram-me aquelles encantos de outr'ora, em que meu coração ainda sem feridas abrigava os mais ternos sentimentos.

Tudo, porem, illuzões!  
Tudo chimeras!  
O anjo negro, symbolo da realidade, approximava-se; preparava-se para soltar as terriveis azas e garas adunca que tudo destroem e dilaceram.

Cruenta e feroz é então a lucta que empenha esse monstro com o guia de minha felicidade, sentimento que conduzia-me aos passados encantos.

Ah! se pudesse ainda viver ao abrigo desses dias venturosos!

Desconheceria essas lagrimas de fêl; esses momentos amargurados que as vezes me deixam aniquilada, sem forças para mais luctar e quasi a descrever de tudo.

Daquelle prisma de tão brilhantes cores, atravez do qual tudo me sorria, resta apenas uma escura faixa, onde vejo constantemente estas terriveis inscripções: dissabores, luctas, desillusões, saudades do passado.

Ao mesmo tempo, que o coração palpita com violencia, o pensamento gira sem cessar, formando uma tão vasta e complicada cadêa que por fim desprende os élos e atira-me num cahos, onde permaneço até que o anjo da esperança se compadecendo de mim, e delle me venha arrebatat.

Ovisera afastar-me um pouco da  
ade; pensar no amor; nesse  
magnético que atrahie dois  
nesse sonho em que a

virgem parece experimentar um nao sei, que a põe num estase sublime.

Julgaria, então, atravessar de novo aquelles dias tão floridos que já se vão bem longe; encontraria um lenitivo para as dores que me consomem.

Pobre coração!  
Talhado para as amarguras, é como o terreno esteril queimado por um sol abrasador onde não cresce o mais rude vegetal.

Se alimento algum pensamento

que traduz a esperança de horas felizes em que ame e seja amada, é passageiro, porque não creio no amor.

Sim, acho que não existe o amor, porque se assim acontecesse, teria um coração igual ao de todos; teria pago esse tributo ao menos em silencio, ao menos por phantasia.

Lançaria por terra esse escuro e feio véo da realidade; entegar-meia aos devaneios dessa paixão e dormiria esquecida das austeridades da sorte e pensando no ente amado.

Maranhão

Zila Paes.

## Partindo

Para o meu irmão Armando

Segui viagem. Pensativo, chorando,  
Dores cruas o peito meu partindo,  
A cada passo lento desmaiando,  
E a saudade no peito repetindo.

Via atravez das mattas, procurando,  
O ente qu'o meu coração bipartindo,  
Viesse-me n'um sonho, soluçando,  
O pranto e a saudade me extinguindo.

Debalde não achava caridade,  
Nada eu via atravez da soledade,  
Tudo mudo n'um sol d'Ave-Maria.

E as dores que nos meus olhos pairav  
Eram os ais qu'em minh'alma echoav  
Do abraço materno quando eu p...

B. Castello Branco

S. Luiz, 11-9-09

## As duas amigas

O sarau estava animado, mas que nunca os apreciei, já me ach do enfasiada, encostei-me a u balastrada, que limitava o jard para sentir o agradável aroma das flores e contemplar-lhes as cores variegadas, ao esplendido luar.

Poucos momentos depois, não sei porque, tambem Nair e Léa, duas encantadoras meninas, dei xando o esiriuor da festa, vieram sentar-se nos bancos de pedra do jardim.

Nair, que era muito espiritocosa disse virando-se para sua amiga Léa: «Não sei para que viemos á face da terra, nós que não manejamos as armas, não defendemos a patria, não podemos exercer elevados cargos, como os sucessores de Adão!...

—Meiga Nair, não te lastimes é exacto que não exercemos certos



cargos, mas... assim mesmo somos felizes, porque educamos e encaminhamos para o bem aquelles que Deus collocou sob nossa protecção. Não te recordas de Cornelia, a desventurada mãe dos Gracchos, cuja existencia era unicamente votada aos filhos? Haverá missão mais sublime, mais grata ao Rei do universo que a de purificar os espiritos?

—Minha sempre boa Léa, não nego que é sublime a missão de educar, mas...

—Mas o que, encantadora Nair?

—Mas... quem, depois de attin-gir certa idade, tem reminiscencia d'aquella que tanto lhe fez? Quem?

—Não falles assim, Nair, nós tambem imperamos.

—Não te illudas, Léa, enquanto não nos emanciparmos, seremos entes ignorados...

—O' cara Nair, só me parece que já não te recordas daquelle tempo em que juntas estudavamos a Historia Universal.

—O' Léa, si me lembro?... Como olvidar aquelles saudosos dias da nossa passada meninice?

—Creio-te, querida Nair... Com-tudo me parece que já não te lem-bra's do pertinaz Coriolano, celebre heroi romano, que, pondo-se á frente dos volscos, tomou as armas contra sua patria!

—Sim, querida Léa, ainda me recordo...

—Então, Nair, como foi elle venci-do, pela força dos inimigos ou pelas lagrimas de Vetúria, sua pro-genitora? Fica certa de que nós, mesmo frageis, tambem imperamos não pela força, pela violencia, mas pela virtude, pela dedicação...

H. S.

De nosso confrade Manoel Domingues, recebemos o seguinte poe-

## Mu Caro João Lima

A «Perry» com a qual escrevo, ha m... que se achava enforcujada, mas acha-se actualmente polida e na actividade.

Entendes!... E's artista, portan-to...

E's discipulo immaculado de Boquelin, de Byron, de Bilac, de Ferri, de Anatole Não é assim?

Dá metua abalisada e valida opi-nião. Observa-te, critica-te...

O que achas? E's um verdadeiro conteur. Tenho lido tuas producções.

Tenho admirado-as. Que satisfa-ção experimento em lê-las!

Não calculas.

Em outras eras, quando escre-veste «A violeta» e «A rosa», (este dedicado á mim) não te immortalis-aste, não; escrevias com um en-cyclopedico de Simões da Fonseca ou um prosodico de João de Deus na tua frente. Era o puro *smartismo* da penna na synonymia.

Hoje não... estas regenerado, adoptaste a linguagem de Machado de Assis, e, assim farás carreira.

O ultimo conto que publicaste—«Amor fatal» que com todo seu ro-mantismo, valeu os louros.

Explendido. Apreeiei-o demasiadamente.

Pobre Carlos, morreu victima da febre ardente do amor que lhe in-vadiu o organismo, que lhe paral-isou a circulação.

O amor matou-o. Alba morreu como Thereza, do «Amor de perdi-ção» e Carlos como Fernando, o exilado.

Vou terminar. Já cumpri a mi-nha missão; com que então au re-voir.

TEU

Flaviano Alves.

S. Luiz.

## UM LIVRO

Carlos Rubens — Poemas de amor — Li-teraria Fonseca — Maceió — 1909.

Acabamos de receber um exem-plar do mimoso livro de versos—*Poemas de amor*, da lavra do joven e inspirado vate alagoano Carlos Rubens, espirito forte de sonhador que agora solta os seus primeiros versos, no firmamento promissor da poesia nacional.

E' um livro digno de ser auctor desse Carlos Rubens, que a luz da publicidade, e que se evolui-ndo em todos os angulos do paiz, vulgarizando os meritos espirituaes e artisticos do novel contempo-raneo de Sandoval e Avelino Silva.

O poeta, se bem que tenha gran-desza de pensamento, imaginação profunda, tem contudo a arte a for-ma impecavel em que de quando em vez brilha o sentimento.

Filiado á escola da Valtaire, An-tonio Nobre e Mallarmé, na qual exteriorisa o seu pensamento, o poeta canta as bellezas da nature-za, as emoções da alma entediada ou alegre, e as venturas auroraes dos seus amôres, revelando assim,

o seu enjenho artistico e e intran-sigencia da forma. Uma cousa, po-rem, defeitua de algum modo, o in-spirado cantor do *Poemas*; é a pai-xão o amôrosa por elle identificada e que concorre efficazmente, para o seu pouco desenvolvimento, na escola symbolista.

Elle é descriptivo, mas sincero. Ama com todo o afan da sua mocidade e canta esse amor ardente nos versos bem burilados que enfeixam o seu livro.

Ao poeta é necessario o amor, o tedio, o soffrimento.

O amor é o prologo do tedio e o tedio é o prologo do amor.

E' por isso que dizia o divino Goethe, o grande cantor do Frederico e Betina:

«Si tua dôr te incommoda, faze della um poema.»

Nesse ponto, o pensamento de Carlos Rubens coaduna-se franca-mente ao do poeta allemão; sendo que, este, não tem a imaginação pro-funda d'aquelle, entretanto, possui o sentimento pincel dourado com que elle colora as paisagens auroraes do pensamento.

Seus versos, que são burilados com um certo brilho, são revesti-dos de um som sonante e cô-

Lê-os e se engo- branca de chimera s  
O poeta abre o s  
estas estrophes:

*Formosa cathedral no meio do  
onde vivem a cantar os parochos,  
tu és um palha verde e d'riças aberte,  
osculando a sonhar as formosas ramagens.*

O auctor do *Poemas de amor* é um artista, que sabe dar o necessa-rio valor as scenas da natureza, a evolução dos seres, o encanto das folhagens, o canto merencoreo da passarada.

O poeta fita a cupula do arvoré-do, triste, sosinho, no meio de uma floresta virgem, com os galhos em-ballados ao vento perfumado e d'elle faz paralelo á sua alma en-triste.

*Vendo-te triste e só, um dia de certo,  
que, como tu tambem me amas, todo triste  
formosa cathedral no meio do deserto.*

No soneto *Mater*, o poeta revela-se um torturado na gehenna tris-tissima dos dissabôres, tendo ape-nas por lenitivo, um *Santelmo claro e azul do meu padecimento*.

Ao pôr de um sol livido de ou-tomno, quando a natureza se ves-tia n'um manto vivido de opala, sor-rindo ás miragens que se desenro-lavam n'amplidão, e as flores sor-riam de contentamento banhadas de luz, o poeta delinea:



Morría o sol no poente ensanguentado,  
alem no azul do ceu limpídamente,  
andava em cada canto um riso alado  
num riso andava em cada flor tremente.

Há no soneto *O mar*, estrophes como esta:

E vive noite e dia em colera estupenda,  
a bater sem cessar n'uma luta tremenda,  
contra o calmo rochedo impenetravel e forte!

O inspirado cantor do *Poemas de amor*, não é um modio cre vulgar que anda na arena das letras impingido e mendigando encomios de quem quer que seja: não!

E' um moço de merito comprovado, que se levanta, conscio do seu valor real. Apesar da sua pouca cultura, o joven poeta alagoano muito promette ao templo radiante da poesia; como artista, elle não desmente a bella esthetica de Cruz e Souza, as imagens suggestivas de Antonio Nobre e Quental, colorindo sempre os seus quadros, com os côres da natureza e com emoções febris do pensamento.

Carlos Rubens, é um poeta apaixonadissimo, que, se não fosse symbolista, seria um Gonzaga, um Silva Alvarenga um Maciel Monteiro.

Noivo, gosando as caricias da eleito do seu coração, a candida se se bóiando em contemplando os antes do ente amado, trata um ceu alvicaireiro ança:

...ros de amor tristes abrelhos,  
...ros, lagrimas, noivados,  
...ros bellas nos restolhos,  
...ros bucolicas, bailados.

Envolto n'um véo azul de phantasias, sentindo o influxo do mais acrysolado amor, o poeta se vê reflectido no estrellario luminoso dos olhos mysteriosos da noiva amada:

Tudo eu vejo a brilhar como em paysagem  
e aparece a dansar a minha imagem,  
na pupilla fulgente dos teus olhos.

No livro estréa, de Carlos Rubens, encontram-se poesias, como *De amor*, em a qual o seu auctor pinta com as côres seus mais vivas amores. O poeta revela um lyrismo e emotivo em suavissimos alexandrinos. Contem, ainda, no bem elaborado trabalho de que nos occupamos, os seguintes sonetos que muito recommendam o seu auctor, quer pela forma primorosamente talhados e quer pelas imagens e sentimento: *Tística*, *Sonhador*, *Desventurados*, *Folha murcha*, *Soneto*, (este offerecido a nós) *Rouxinol*, *invocação*, *Mais tarde e Sé Benedicta*.

Terminando esta ligeira apreciação sobre o livro do intelligente e esperançoso confrade, encorajamol-o nas pugnas das letras, agradecendo penhorados a remessa que nos fez do bem elaborado fructo do seu espirito esclarecido e burlador do verso.

Maranhão.

J. L.

De uma gentil patricia, cultora das letras recebemos o seguinte soneto:

## Resposta á Marta

CABALLERO

De mil venturas traçadas  
E de risos captivantes,  
E' que vêm respostas dadas  
Aos teus versos fulgurantes.

As palavras amadas  
Que parecem cruciantes,  
Sobre o amor empregadas  
Achamol-as excitantes.

Amor que parte do peito,  
Esperança do futuro,  
Saudade, flor, sem defeito:

Nos tres têm a maior crença,  
E' no amor que nasce puro  
Que não traz indiferença.

Esperança  
Saudade.

?

## PERFIS

I

Helena.

Alva e rubra, como uma aurora boreal de primavera, quando as rosas estuam as corollas, beijadas pelo orvalho fresco e perfumoso da madrugada.

Cabellos, espaduas brancas, que cobrem castanhos e luminosos O'duas estrellas. Ah! seus olhos!

Ao vel-os, quem porventura não se sente embevecido? Seus labios, são duas petalas rubentes e perfumosas d'onde se desabrocham sorrisos que, quando não encantam fascinam e evolum a quem os vé, as regiões immaculas dos sonhos.

E' talvez a mais bella das maranhenses, e a quem está confiada um futuro luminoso e sorridente que não contrasta com o matiz setineo do seu candido rostinho

L. do Valle.

Por falta de espaço deixamos de enserir na prezente edição, as seguintes producções: *Sonho Sinistro*, de João Lima, *Variedade* de Heiydher Pestana, *De um Simples*, de Carlos Rubens, *Instantaneos*, de João Caldas, *Um lindo par*, de athayde Pacheco e *Poesia*, de Vilhena Brandão; as quaes publicamos na futura edição d'este jornal.

## DINORAH PINHO

Completo ante-hontem mais um anno de sua existencia preciosa a alcatifada de flôres, a formosa Dinorah, filha do nosso illustre amigo Coronel Nuno Pinho, uma das influencias politicas do Estado.

## 6 Maranhão

Reapparecerá brevemente na arena jornalistica maranhense este nosso valente confrade sob criteriosa orientação do professor Nascimento Moraes, individualidade bem vulgarizada nas letras do paiz onde se tem distinguido como polemista de pulso e jornalista vigoroso.

## Gazeta

Entrou no dia 10 d'este rz. no 6º anno de publicação a «Gazeta» brilhante periodico Piauhye que tem a publicidade em Thereza, sob a luminosa direcção do competente e illustrado jornalista professor Benedicto Lemos.

Enviamos as nossas sações á distincta confrade.

Acaba de entrar para o cyclo dos nossos socios honorarios o illustre intellectual Sr. Artho Paraiço, distincto jornalista Bal... actual director da Imprensa official do Estado.

Não podiamos de algum modo, deixar de introduzir no quadro dos nossos consocios honorarios, o illustre homem de letras, procedendo assim, de acordo com a nossa norma de operar nos prelhos da intelligencia, nos quaes não refutamos encomios á todos aquelles, que como nós, trabalham em prol da grandesa da nossa cara Athenas Brasileira.

Typogr. Teixeira—Maranhão.